

Madrugadas de álcool e drogas

Ninguém sabe dizer ao certo quantos bares existem na Ceilândia, grande parte deles não tem qualquer espécie de registro. Mas nem das mesas e balcões, onde correm a cerveja e a cachaça, escapa esta simbiose entre o álcool, a oração e, virtualmente, a droga. "Deus falou: Eu criei, eu fiz nascer, não tentem vir até mim". "Quem recita, na mesa de um agitado bar, é um soldado PM, que diz ser viciado em cocaína e usuário de maconha e outras drogas.

O assunto, ali, é droga. A idade dos homens varia entre 21 e 33 anos. Dois são PMs, um é comerciante, outro faz estágio pelo Centro de Integração Escola-Empresa. Há ainda dois comerciantes, um motorista e um fotógrafo. O tema surge por via do comerciante — o único do grupo que não usa mais drogas: converteu-se e deixou.

Todos censuram, em maior ou menor grau, o próprio vício, mas à exceção do PM convertido, ninguém parece pensar em deixá-lo. Desconfiados, pedem documentos ao repórteres, certificam-se de que não se trata de um policial e falam abertamente sobre o tema.

Madrugada

Eles se queixam de discriminação. Lembram que todos ali trabalham, enquanto "no Lago Sul os filhinhos de papai fumam e não fazem mais nada". As pessoas lá em cima encaram a gente aqui embaixo como um submundo", reclama um. "Só Deus liberta, só Cristo salva", prega o PM convertido.

Nas inúmeras bocas de tóxico da Ceilândia, àquela hora da madrugada, grupos de rapazes procuram a "mela", que os manterá "ligados" até o amanhecer. Fumando a ponta de um "baseado", um jovem negro nos leva de um passador a outro. É tarde. Não há "mela" em lugar nenhum. Frustradas, as turmas andam a pé longas distâncias, inutilmente, e trocam informações sobre as "bocas" visitadas, o que evita perda de tempo.

Na 15ª DP, à tarde, um delegado de modos abruptos interrogava um traficante algemado ao banco, atrás do balcão onde meia dúzia de pessoas registrava ocorrências. Das celas, vinham gritos de mulheres. Briga, disseram os policiais. Mas às 3h30, ali tudo é calma, graças a mais uma peculiaridade de Ceilândia. O povo pobre, os ônibus escassos — isto faz com que a noite comece mais cedo nos dias de semana, e termine também precocemente.

"Aqui, quase tudo rola das 18 às 23h30", explica um policial militar. (M.C)